

A constituição das formas identitárias dos professores/chefes de departamento dos cursos de licenciatura

Márcia Hobold – UNIVILLE
Marli André – PUC SP
Instituição financiadora: CAPES

Este artigo discute os resultados de uma pesquisa que tem como foco os professores chefes de departamentos dos cursos de licenciatura de uma universidade comunitária do Sul do Brasil. Fundamenta-se nos estudos de Claude Dubar (2005, 2006) sobre a constituição da identidade profissional de trabalhadores. No âmbito desta investigação, buscou-se compreender como as formas identitárias são constituídas nas relações sociais e como elas participam do trabalho dos chefes de departamento dos cursos de licenciatura. É uma pesquisa que utiliza aportes da Educação, da Psicologia e da Sociologia do Trabalho, situando-se no campo da Psicologia da Educação.

Os cursos de formação inicial de professores (licenciaturas) são de extrema importância, pois é neste período que os futuros professores entram em contato com os conteúdos específicos e didático-pedagógicos que contribuem para a constituição da identidade profissional. Como aproximação do campo da formação de professores, foi necessário estudar as produções científicas de Candau (1997) “Novos Rumos da Licenciatura”, realizada na década de 1980; o balanço das dissertações e teses sobre as licenciaturas no Brasil entre os anos de 1990-1998, a tese de Romanowski (2002) que faz uma revisão da produção científica sobre licenciatura; a dissertação de mestrado de Diniz-Pereira (2000) sobre a formação de professores na licenciatura de Biologia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; e, a tese de Campos (2002), sobre a reforma da formação inicial dos professores da educação básica nos anos de 1990. As quatro pesquisas, apesar de diferentes nas finalidades, épocas e localidades apresentam similitudes: revelam o panorama da complexidade das licenciaturas no Brasil. Denunciam a falta de comprometimento das políticas públicas com a formação dos futuros professores, assim como a necessidade de um esforço efetivo por parte dos professores formadores para atuarem de forma coletiva e mais efetiva nos processos formativos e na constituição das identidades profissionais.

Entende-se que a identidade, é constituída pelas situações experimentadas ao longo da trajetória pessoal, por meio das relações sociais e das significações pessoais. Essas situações que permeiam as experiências pessoais constroem o “eu subjetivo” e, ao mesmo tempo, o intrapsicológico de uma pessoa. Pode-se exemplificar a identidade como um arcabouço pessoal, ou seja, o reservatório de experiências que, aos poucos, o ser humano vai constituindo por meio das relações sociais. Para Dubar (2005, p. 135):

A identidade para si e a identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro e ao seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser pelo olhar do Outro.

Para o sociólogo francês, a identidade profissional passa por um processo de desconstrução e reconstrução, em determinados momentos particulares da vida do indivíduo, por meio de fatos marcantes como, também, por situações profissionais que atingem diretamente sua pessoa. Em lugar de identidade Claude Dubar utiliza, preferencialmente, a expressão “formas identitárias” com a finalidade de indicar que:

Trata de formas assumidas pela linguagem que podemos encontrar em outros campos e que remetem a visões de si e dos outros, de si pelos outros, e também dos outros por si. São ‘categorias atribuídas’ (identidades para o outro) e identidades ‘construídas’ (identidade para si) (2005, p. 156).

Para compreender o movimento da constituição identitária, além do envolvimento dos aspectos pessoais, oriundas da história de vida, bem como, das relações sociais produzidas no contexto de trabalho, há necessidade de conhecer alguns aspectos relevantes da relação entre modo de produção e capital. Considera-se que esta relação envolve empregador e empregado e produz efeitos na convivência societária, nos modos de trabalho e, conseqüentemente, nas identidades profissionais. Situação não diferenciada, atualmente, em muitas universidades privadas e, mesmo, públicas (DIAS-SILVA, 2005; FREITAS, 2007).

Como resultado de seus estudos com trabalhadores franceses, Dubar (2005) apresenta quatro formas identitárias: **identidade estável ameaçada**: indivíduos que assumem a identidade coletiva, do grupo de trabalho, e seu discurso é sempre permeado por “nós”; **identidade bloqueada**: neste caso há uma fusão do indivíduo à sua profissão. A maneira repetitiva e mecânica de exercer a profissão o bloqueia para as inovações do contexto do mercado de trabalho; **identidade responsável pela sua promoção**: são aquelas pessoas mobilizadas a progredir profissionalmente e executam suas tarefas com destaque e dedicação; **identidade autônoma e incerta**: esta identidade também é reconhecida como do tipo ‘afinitário’. As afinidades com outras pessoas e instituições são fortemente valorizadas como forma de manter “redes” de contatos, visando facilitar a entrada em outros postos de trabalho.

Para conhecer como as formas identitárias dos professores-chefes foram constituídas e forjadas nas relações sociais e, conseqüentemente no trabalho, foi realizada uma extensiva coleta de dados, durante um ano e meio, com visitas semanais para observação das atividades rotineiras dos departamentos, análise de documentos institucionais e realização de entrevistas. Foram entrevistados nove chefes de departamentos, quatro professores formadores, quatro ex-alunos da licenciatura e um gestor diretamente responsável pelos cursos de licenciatura junto à reitoria. Para situar o contexto institucional foram entrevistados cinco professores com mais de trinta anos na instituição. Essas entrevistas ajudaram a entender a dinâmica histórica da universidade, por meio de aspectos guardados na memória de cada professor.

O primeiro contato com os nove professores/chefes de departamento das licenciaturas ocorreu em uma situação de entrevista que foi considerada preliminar. O objetivo era conhecer os professores, explicar os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como obter respostas sobre as atividades que os chefes desenvolviam no departamento e sobre as características que consideravam relevantes para atuar na função. Para a segunda entrevista foi elaborado um roteiro que continha questões relacionadas a aspectos pessoais, institucionais e relacionais; condições e contrato de trabalho; programas de formação continuada; formas de comunicação; e aspectos estruturais do funcionamento dos cursos. A terceira etapa da coleta de dados consistiu em uma entrevista aprofundada com dois chefes de departamento para investigar o processo de constituição de suas formas identitárias nas relações sociais e de trabalho. Para cada chefe foi elaborado um roteiro “personalizado”, ou seja, as questões foram formuladas após várias leituras do material obtido anteriormente. Os critérios para a escolha dos dois chefes de departamento foram os seguintes: nível de escolaridade dos pais e tempo de trabalho na universidade comunitária.

De posse de todos os dados coletados, a análise seguiu os critérios de uma “interpretação relacional” que, como nas pesquisas de Dubar (2005, 2006), busca um entrelaçamento entre os vários determinantes que constituem a história pessoal e social do indivíduo. Os caminhos da análise seguiram os mesmos passos da proposta de Dubar na investigação com os trabalhadores franceses. Como ele mesmo explicita: “as entrevistas exploram três domínios essenciais: o ‘mundo vivido e do **trabalho**’, a trajetória socioprofissional e, nomeadamente, os movimentos de **emprego**, a relação dos assalariados com a **formação** e especialmente a forma como aprenderam o trabalho que fazem ou vão fazer. É na intersecção destes três campos que é definida a identidade profissional” (2005, p. 185, grifos do autor).

Os dados de contexto de trabalho na universidade comunitária, por meio das falas dos chefes de departamento, indicaram que estes atuam em diferentes frentes: **administrativa; legislativa; pedagógica, e, atendimento à comunidade**. Estas frentes sobrecarregam os profissionais, como evidenciado em seus depoimentos que mostram sua angústia frente à elevada quantidade de tarefas. Acompanhar ou assessorar os professores formadores fica em segundo plano, tantas são as exigências burocráticas feitas aos professores/chefes de departamento. Alguns chefes, que já estiveram na função anteriormente, afirmaram que há alguns anos não existia tanta cobrança, nem tantas atividades a serem realizadas. Isto indica um processo de intensificação e de mudança nas relações de trabalho.

De acordo com Dubar, as formas identitárias são constituídas pelas transações subjetivas (identidade para si) e as transações objetivas (identidade para o outro) forjadas nas relações sociais e de trabalho. O estudo aprofundado do processo de constituição das formas identitárias profissionais de dois professores/chefes de departamento, teve apoio em suas narrativas sobre a trajetória de vida pessoal e de trabalho. Os dados de suas histórias pessoais, acadêmicas e profissionais foram entrelaçados com os de suas atividades atuais e com as condições de trabalho na universidade, o que permitiu caracterizar as formas identitárias do **professor/chefe Germânio** e da **professora/chefe Lúcia**. Tanto o professor Germânio, com sua “forma identitária responsável pela sua promoção” como a professora Lúcia com sua “forma identitária bloqueada” trazem significativas contribuições para o desenvolvimento da universidade comunitária. Cada um com seu modo de analisar as situações do cotidiano universitário e de atuar na chefia fazem com que as discussões e decisões sejam tomadas de forma cautelosa. São formas identitárias constituídas pela forte influência das suas relações sociais que participam, ativamente, das suas ações no trabalho. Pode-se, deste modo, afirmar que existe uma relação bem próxima entre a forma identitária profissional e as atividades desenvolvidas por eles nos departamentos.

Foram duas formas identitárias constituídas pela riqueza de situações vividas no âmbito pessoal, acadêmico e profissional. São histórias de vida que se entrelaçaram e entrelaçam com o mundo do trabalho universitário; ao mesmo tempo em que se modificam, modificando o meio em que interagem. É um movimento dialético que conserva algumas especificidades do mundo vivido e apreendido na constituição da identidade, assim como explica Dubar (2005, p. 239)

As identidades sociais e profissionais típicas não são nem expressões psicológicas de personalidades individuais nem produtos de estruturas ou de políticas econômicas que se impõem a partir de cima, elas são construções sociais que implicam a interação entre trajetórias

individuais e sistemas de emprego, sistemas de trabalho e sistemas de formação.

Por último, vale sinalizar que Dubar considerou que a constituição das formas identitárias é decorrente das histórias particulares de cada indivíduo que vão se constituindo na interação com o outro. Não é um processo de interação fácil e harmônico visto que, em muitos momentos, a “identidade para si” (subjéctiva) pode entrar em choque com a “identidade para o outro” (objéctiva). Na leitura dos aportes teóricos de Dubar, constatou-se que o autor não realizou suas pesquisas pensando em enquadrar as pessoas em “formas identitárias”. Muito mais do que isto, Dubar quis identificar como as formas identitárias profissionais são constituídas por meio das relações sociais e de trabalho e, sobretudo, como estas influenciam as atividades profissionais. Desse modo, as formas identitárias não são estanques e deterministas na vida do indivíduo. Elas são dinâmicas e podem, com o passar do tempo e das experiências realizadas, alterarem-se.

Referências

CAMPOS, Roselane Fátima. A reforma da formação inicial dos professores da educação básica nos anos de 1990: desvelando as tessituras da proposta governamental. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

CANDAU, Vera Maria (org.). Relatório final de pesquisa. Novos Rumos da Licenciatura. Material não publicado. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1988.

DIAS-DA-SILVA, Maria Helena G. Frem. Políticas de formação de professores no Brasil: as ciladas da reestruturação das licenciaturas. *In: **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação***. Volume 23, nº 2, jul./dez., 2005.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. **Formação de professores**: pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Tradução: Catarina Matos. Portugal: Edições Afrontamentos, 2006.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. *In: **Caderno do Centro de Estudos Educação & Sociedade***. Campinas, vol. 28, n. 100 – Edição Especial, outubro de 2007.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90. **Tese de Doutorado**. Universidade do Estado de São Paulo – USP, 2002.